

Ainda em torno da escrita no ensino superior: demandas para o ensino e a pesquisa¹

Juliana Alves Assis*

Sophie Bailly**

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa***

A escrita no ensino superior desenha-se como campo fértil para pesquisas, interesse que se pode ilustrar, por exemplo, pela multiplicação de periódicos brasileiros e internacionais com números inteiramente dedicados a essa temática (a esse respeito, lembramos, dentre tantos, *Linguagem em (Dis)curso*, 6, 2006; *Lidil*, 41, 2010; *Pratiques*, 153-154, 2012; *Scripta*, 24, 2009, e 30, 2012; *Mélanges Crapel*, 37/1, 2016; *Trama*, 28, 2017; *Revista do Gel*, 14, 2017). Esse cenário poderia ser igualmente comprovado pelo significativo volume de livros, teses e dissertações que se voltam para questões relacionadas às práticas da escrita no contexto das instituições de ensino superior no Brasil e no exterior.

Essas publicações (e aqui não nos referimos tão somente às mencionadas) obviamente erigem-se sobre princípios teóricos e mesmo agendas de trabalho não necessariamente coincidentes. Dessa forma, variadas são as abordagens ou perspectivas – sociorretórica, discursiva, socioantropológica, etnográfica, dentre outras, orientadas ou não por uma preocupação didática – por meio das quais as questões relacionadas à escrita acadêmica têm sido estudadas.

Ainda que se evidencie a variedade de chaves teóricas e orientações metodológicas desses trabalhos, há que se apontar que eles comungam a compreensão de que a escrita persiste na nossa cultura como a mais importante forma de registro (CORRÊA, 2004), mesmo que cada vez mais, por força das possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais, veja-se também misturada

1 Neste texto, cuja versão em inglês se apresenta na sequência, buscamos abordar questões de interesse ao projeto Capes-Cofecub intitulado “Discurso acadêmico na pesquisa e no ensino: questões em torno da apropriação da palavra de outrem” (nº. 834/15), o qual se mostra igualmente contemplado na organização deste número da revista *Scripta*.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas (Brasil). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq – nível 2.

** Laboratoire ATILF CNRS UMR 7118, Equipe CRAPEL, Université de Lorraine (França).

*** Universidade de São Paulo – USP (Brasil). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq – nível 2.

a outras variadas formas de registro, tais como imagens estáticas, imagens em movimento e sons, como nos tem sido possibilitado experienciar, cotidianamente, no contato com a variedade de textos da *web*.

No ensino superior, essa forma de registro sofre regulações, algumas delas explicitamente orientadas por parâmetros de prescrição apresentados em manuais de escrita acadêmica,² construídas na e por meio da complexa e heterogênea rede de atividades que caracterizam as práticas acadêmicas, diversidade que também se aplica aos domínios disciplinares, isto é, às distintas áreas de saber que têm lugar no ensino superior. Tais regulações refletem ainda o diálogo entre as práticas das instituições de ensino superior (IES) e outras instâncias, tais como os órgãos de fomento à pesquisa e de avaliação das próprias IES, os comitês de revistas científicas, etc. Isso mostra que o reconhecimento do que seja – e do que deve ser – a escrita acadêmica se efetiva por meio de um quadro institucional habilitado para fazê-lo (BOCH, 2014), o que não necessariamente significa absoluta convergência entre as instituições (e suas práticas discursivas) que constituem esse quadro, como as que listamos anteriormente.

O panorama que até o momento se desenha articula-se entre dois polos, como nos lembra Grossmann (2015). De um lado, uma ideia de unicidade para o fazer científico, o que inclui as práticas escritas que esse fazer prevê (numa correspondência por vezes praticamente direta entre o fazer e o dizer). A lógica subjacente a esse ponto de vista repousa, conforme o mesmo autor, “sobre um postulado de unicidade, fundamentalmente ligado à universalidade do raciocínio científico ou, mais amplamente ainda, à existência de princípios gerais que regem a cognição humana”³ (GROSSMANN, 2015, p. 100). De outro, a realidade e a diversidade das práticas científicas, responsáveis tanto pela distinção de domínios disciplinares quanto pelas conhecidas dicotomias que cercam a história da ciência (por exemplo: ciências exatas *versus* humanas; ciências fundamentais *versus* aplicadas; metodologia quantitativa *versus* qualitativa), o que, evidentemente, também vai se materializar nos processos de textualização do fazer científico (GROSSMANN, 2015).

2 O trabalho centrado nas convenções ligadas ao letramento acadêmico tem rendido alguma visibilidade aos autores que se ocupam do tema. Não são poucos os livros, os *blogs* e outros sítios na internet que ensinam fazer resenha, resumo e tantos outros gêneros dentre os chamados gêneros acadêmicos. Sua indiscutível utilidade esbarra, no entanto, na coerção em favor das convenções, modo de trabalho que pode significar simples aculturação, ao elidir o papel das práticas sociais familiares ao aluno e dos gêneros já conhecidos por ele.

3 Justificada ou injustificadamente, tais princípios apresentam-se, como assinala Grossmann (2015, p. 100), como testemunho da “universalidade das regras lógicas, elas mesmas acima das contingências da expressão linguística”.

Conforme se pode supor pelo panorama brevemente descrito até este ponto, a formação no ensino superior prevê uma formação para a escrita acadêmica e, ao mesmo tempo, por meio dela, o que se dá a partir de um longo processo de socialização, marcadamente dialógico, com todas as tensões que isso pode pressupor. Guiam esse processo as expectativas e os parâmetros dessa nova comunidade discursiva de que o estudante passa a fazer parte. Também não se deve perder de vista que essa comunidade, como tantas outras, é marcada por uma organização hierárquica, que distingue o pesquisador experiente do pesquisador em formação. Nesse último caso, também poderíamos pensar em nova distribuição hierárquica, a começar do aluno de graduação, nos anos iniciais; depois, ao final da formação; passando, ainda, pela distinção entre os que se introduzem na prática de iniciação científica e aqueles que não têm ou não se dão essa oportunidade; em seguida, o estudante de mestrado e, por fim, o de doutorado, que estaria em uma posição mais alta na comunidade.

Essa separação de posições na comunidade científica encontra lugar na proposição de Reuter (2004), que distingue entre escrita de pesquisa, como sendo a que produz e difunde conhecimentos numa dada comunidade científica, e escrita de pesquisa em formação, por meio da qual os estudantes são formados para a pesquisa. Dialogando com essa proposição de Reuter, Delcambre e Lahanier-Reuter (2015, p. 229-230) tomam a tensão entre a posição de pesquisador em formação e aquela de pesquisador *expert* como sendo “uma explicação possível para as dificuldades encontradas pelos estudantes, que se encontram numa posição contraditória e instável [...]”.

Tais dificuldades, cabe assinalar, são aqui encaradas como naturais ao processo de inserção do estudante nas IES e, portanto, vistas na contramão do mito do estudante já pronto a escrever na universidade ou da cultura do déficit, contra o que igualmente já se bateram vários autores dedicados ao estudo sobre o letramento acadêmico (dentre outros, LEA; STREET, 2006; HENDERSON, HIRST, 2006; FIAD, 2014).

A perspectiva de que partimos para a discussão sobre a escrita no ensino superior alinha-se também a Hyland (2012), uma vez que consideramos que as práticas discursivas desenvolvidas nesse ambiente (por meio das aulas, conferências, seminários, retorno dos professores aos textos produzidos pelos estudantes etc.) são meios para que os estudantes possam entrar na escrita acadêmica, condição que leva à (re)significação de práticas, valores, normas e crenças de um dado campo disciplinar pelos estudantes. Noutros termos, por meio da vivência dos

estudantes nas práticas cotidianas da vida universitária, estes passam a se apropriar dos discursos, dos gêneros, dos saberes, valores e pontos de vista do campo científico em que se inserem. No curso desse processo, “eles começam a usar os discursos e entendimentos dessa disciplina para construir um *self* que pode ganhar reconhecimento e reforço por meio do uso desses discursos” (HYLAND, 2012, p. 3).

Não ignoramos o importante papel da pesquisa etnográfica na Linguística Aplicada e, em particular, nos estudos sobre letramento(s). Para ficar na influência talvez mais marcante no Brasil, retomamos alguns comentários críticos de Lillis e Scott (2007) acerca da noção de letramentos acadêmicos, proposta por Lea e Street (2006). As comentadoras, ao buscarem definir a pesquisa sobre letramentos acadêmicos, tratam de três questões: a epistemológica, a ideológica e a estratégica.

Começamos pela última, a questão estratégica. As autoras tomam como um dos fios argumentativos o uso do singular ou do plural na expressão “letramento/s acadêmico/s”. Essa polêmica é resolvida no artigo pelo contraste (e posterior associação) das posições de Gunther Kress, professor de Semiótica e Educação no Instituto de Educação na Universidade de Londres e do antropólogo Brian Street, cuja carreira foi marcada por sua atividade de professor de Linguagem e Educação no King’s College of London, sendo um dos principais teóricos dos Novos Estudos do Letramento. O primeiro defende o uso da expressão no singular, pois afirma que, sendo a linguagem e o letramento fenômenos que se realizam no ambiente social, as variações se devem tanto à linguagem quanto ao letramento, dispensando nomeações particulares:

Se assumirmos que o idioma é dinâmico porque é constantemente remetido pelas respostas de seus usuários às demandas de seu ambiente social, nós não precisamos então inventar uma pluralidade de letramentos: é uma característica normal e absolutamente fundamental da linguagem e do letramento serem constantemente refeitos em função das necessidades do momento; não é autônomo ou estável, nem é um fenômeno único e integrado. É desorganizado e diversificado e não precisa de pluralização (KRESS, 1997, p. 115, *apud* LILLIS; SCOTT, 2007, p. 15).

Assumindo a perspectiva defendida pela outra parte da polêmica, as autoras associam a posição de Street com a de Kress, afirmando que o uso da expressão no plural não nega o dinamismo da língua, com a vantagem adicional de ter caráter estratégico. Citam o próprio Street, segundo quem o argumento da pluralidade de letramentos é um argumento estratégico porque certas

agências apresentam o letramento como a panacéia para os males sociais e como o ingrediente-chave na modernização; a suposição dominante tem sido a de que um letramento único e autônomo é o mesmo em todos os lugares e simplesmente precisa ser transplantado para novos ambientes (STREET, 2003, p. 80, *apud* LILLIS; SCOTT, 2007, p. 16)

Retenha-se, portanto, do comentário acerca dessa polêmica, que as autoras defendem que a pluralidade dos letramentos é correlata à heterogeneidade da linguagem e que seu reconhecimento é uma questão de estratégia.

Nesse trabalho de definir a pesquisa sobre letramentos acadêmicos por meio do destaque de questões epistemológicas, ideológicas e estratégicas, as autoras apresentam o quesito “ideologia” a partir dos mitos educacionais descritos por Kress (2007). São eles, o mito da: “homogeneidade da população estudantil”; da “estabilidade das disciplinas”; e da “unidirecionalidade da relação professor-aluno” (*apud* LILLIS; SCOTT, 2007, p. 13). As autoras mostram que fundamentar a pesquisa nesses mitos leva a enfatizar

a identificação de convenções acadêmicas – em um ou mais níveis de gramática, discurso, estrutura retórica ou gênero – com vista a (ou com ênfase em) explorar como os alunos podem ser ensinados a se tornar proficientes ou “especialistas” e como desenvolver materiais sobre essa base (LILLIS; SCOTT, 2007, p. 13).

De sua parte, defendem que

uma abordagem transformadora envolve um interesse em tais questões, mas também se preocupa com: a) localizar tais convenções segundo tradições (específicas e em disputa) de elaboração de conhecimento; b) suscitar as perspectivas dos escreventes (estudantes ou profissionais) quanto ao modo pelo qual essas convenções influenciam na produção do sentido; c) explorar formas alternativas de fazer sentido na academia, inclusive considerando os recursos que os escreventes (estudantes) trazem para a academia como ferramentas legítimas para fazer sentido (LILLIS; SCOTT, 2007, p. 13).

Portanto, no tocante à ideologia, esses são os argumentos que levam as autoras a defender que, na pesquisa dos letramentos acadêmicos, “a postura ideológica em relação ao objeto de estudo [...] pode ser descrita como explicitamente transformadora e não normativa” (LILLIS; SCOTT, 2007, p. 12).

Finalmente, no que se refere às questões epistemológicas, a metodologia empírica do modelo ideológico de letramento é a da etnografia e envolve, ao mesmo tempo, “observação das práticas em torno da produção de textos – em vez de pôr em foco unicamente textos escritos – e consideração das perspectivas dos participantes nos textos e nas práticas” (LILLIS; SCOTT, 2007, p. 11).

Ainda segundo as autoras, as pesquisas em letramentos acadêmicos deixaram

a ênfase nos textos, em favor das práticas, aproveitando certo número de tradições: os Novos Estudos do Letramento informados pela antropologia (ver, por exemplo, STREET, 1984, 2003; BAYNHAM, 1995), os estudos críticos do discurso (notadamente, o trabalho de FAIRCLOUGH, 1992, 1995) e a sociologia do conhecimento (LATOURE e WOOLGAR, 1986) (LILLIS; SCOTT, 2007, p. 11).

Pode-se, pois, observar como a pesquisa em letramentos acadêmicos vai se constituindo epistemologicamente por meio de determinada concepção de *prática* e por um olhar específico sobre o texto e a aprendizagem.

No que se refere à concepção de *prática*, as autoras esclarecem que ela “oferece um modo de ligar a linguagem com o que os indivíduos fazem, como atores socialmente situados”⁴ (LILLIS; SCOTT, 2007, p. 11), fazendo-o de três modos distintos:

- (a) a ênfase na prática sinaliza que instâncias específicas de uso de linguagem – textos falados e escritos – não existem isoladamente, mas são ligadas com aquilo que as pessoas fazem – práticas – no mundo material, social;
- (b) modos de fazer coisas com textos tornam-se parte de rotinas da vida cotidiana, implícitas, ao mesmo tempo do indivíduo, *habitus* nos termos de Bourdieu (1991), e de instituições sociais;
- (c) ao nos envolvermos em uma prática existente, mantemos um tipo particular de recurso representacional; e, por meio de um tipo particular de recurso representacional, mantemos um tipo particular de prática social (LILLIS; SCOTT, 2007, p. 12).

Como se pode observar, a noção de *prática*, mantendo relação com o letramento, conceitualiza, na formulação de Barton e Hamilton, “o vínculo entre as atividades de leitura e escrita e as estruturas sociais em que estão incorporadas e que ajudam a moldar” (BARTON; HAMILTON, 1998, p. 6, *apud* LILLIS; SCOTT, 2007, p. 12).

4 Vale lembrar que o estado de “situado” se refere, ao mesmo tempo, ao ‘contexto de situação’ e ao ‘contexto de cultura’ no sentido de Malinowski (1979), no qual a linguagem não se separa da ação. (Cf. LILLIS; SCOTT, 2007, p.11.)

O modo pelo qual as autoras concebem a pesquisa em letramentos acadêmicos envolve uma mudança epistemológica que interessa de perto à Linguística Aplicada. Vista da perspectiva da *prática*, a linguagem é inseparável do que os indivíduos fazem. Esse modo de acesso ao conhecimento das práticas (e dos letramentos) é uma mudança epistemológica significativa e acreditamos que, em termos de linguagem, só uma perspectiva discursiva teria envergadura suficiente para dar conta dessa complexidade. Caberá, ainda assim, ao linguista aplicado decidir entre uma “etnografia linguística”, como defendem as autoras, e uma perspectiva discursiva (não apenas textual, portanto), que, ligada à materialidade histórica do sentido, integre a perspectiva etnográfica sem reduzi-la a um apêndice.⁵

No que se refere à questão ideológica envolvida, não basta, numa pesquisa sobre letramentos acadêmicos, o registro de dados, sua transcrição detalhada e a análise dos textos preparados justamente para que ela se dê; tampouco é suficiente a descrição desse material em termos da atenção exclusiva ao texto ou aos gêneros do discurso. Segundo as autoras, para o modelo ideológico de letramento, ao qual elas se filiam, é preciso, além disso: a) situar as convenções dos letramentos acadêmicos em tradições de produção do conhecimento; b) considerar e situar as perspectivas dos escreventes quanto ao convencionado em termos de produção de sentido na academia; c) considerar os recursos que os escreventes apresentam de modo a legitimar formas alternativas de produzir sentido na academia. Eis, portanto, um modo transformador de, ao mesmo tempo, promover, na prática didático-pedagógica, o acesso aos letramentos acadêmicos e operar teórico-metodologicamente na pesquisa sobre eles.

Por fim, quanto às questões estratégicas, considerar a pluralidade dos letramentos, sendo ela correlata à heterogeneidade da linguagem, evita a crença na imutabilidade das convenções, as quais continuam a contar, mas sob o regime de uma nova perspectiva epistemológica que, em última instância, vincula a linguagem ao trabalho do homem. Assim sendo, o tratamento teórico-metodológico que norteia a pesquisa sobre letramentos acadêmicos e ilumina a prática didático-pedagógica promotora do acesso a eles não pode ser menos do que transformador, tanto em termos de como olhar para o objeto da pesquisa e construí-lo, quanto em termos de como conceber as relações dos alunos com as convenções estabelecidas. Vencidas essas etapas, as práticas sociais (sempre loquazes, pois não há trabalho sem palavra) e os textos (práticas sociais e trabalho de natureza pragmático-discursiva) dão existência ao letramento, segundo as singularidades das práticas, do discurso e dos sujeitos.

⁵ Conferir, a esse respeito, Corrêa (2011).

Um último desafio desse percurso tem relação com a marcação da presença do outro nos textos. O desafio se apresenta em relação aos textos já que, nos gêneros acadêmicos, a referência às fontes é uma exigência, independentemente da eficácia do processo e dos procedimentos de citação, pois sempre haverá vozes elididas. Referimo-nos, portanto, ao uso e ao papel do discurso do outro no texto acadêmico, frequentemente a “voz” de um membro *expert* da comunidade acadêmica, condição que se reflete, evidentemente, no modo como é desenhada a posição do autor, uma espécie de maestro do coro de vozes trazidas ao texto acadêmico.

Essas reflexões nos reenviam ao papel das IES, no que se refere aos desafios atuais para a escrita na formação universitária, quaisquer sejam as etapas de formação que o ensino superior abriga (graduação, especialização, mestrado e doutorado), bem como justificam a apresentação de um número temático especial da revista *Scripta*, dedicado às práticas de escrita na vida acadêmico-científica.

Apresentação do Dossiê

O dossiê *Escrita no Ensino Superior: ensino e pesquisa* organiza-se em torno de três eixos temáticos, que recobrem aspectos importantes da discussão sobre a escrita no ensino superior, em consonância com os interesses do projeto *Discurso acadêmico na pesquisa e no ensino: questões em torno da apropriação da palavra de outrem* (Edital Capes-Cofecub), de que participam alguns autores que contribuem com este número da revista *Scripta*.

O primeiro eixo, que abriga os trabalhos de Bertrand Daunay, Isabelle Delcambre, Eliane Gouvêa Lousada, Adriana Zavaglia, Olivier Dezutter e Danytielle Cristina Fernandes de Paula, aborda questões em torno da relação com a palavra de outrem na escrita acadêmica, associada ou não aos posicionamentos autorais ou à defesa de um ponto de vista.

Bertrand Daunay e Isabelle Delcambre, em *Les modalités énonciatives de la reprise du discours d'autrui dans les écrits de recherche et les écrits didactiques*, examinam, de forma comparativa, as modalidades enunciativas de tomada do discurso de outrem em duas naturezas distintas de textos produzidos por professores

universitários: textos didáticos, destinados a cursos a distância, e textos científicos, ou seja, textos em que se divulgam resultados de pesquisa. Considerados os resultados que a pesquisa apresenta, os autores relacionam tanto as diferenças quanto as aproximações entre esses dois tipos de texto às suas condições sócio-históricas de produção e circulação.

No trabalho *Se former à la rédaction de la note de lecture en contexte universitaire*, Eliane Gouvêa Lousada, Adriana Zavaglia e Olivier Dezutter discutem os resultados de uma experiência de escrita com o gênero “note de lecture” desenvolvida com alunos brasileiros na graduação em Letras-Francês como língua estrangeira, nas disciplinas de língua francesa. Os autores apontam a forte presença desse gênero no contexto universitário, adotado pelos professores para avaliar a competência leitora dos estudantes, ressaltando ainda seu potencial para o desenvolvimento das capacidades de sumarização e de construção e defesa de um ponto de vista.

Com o trabalho *A questão da identidade na escrita acadêmica*, Danytiele Cristina Fernandes de Paula dedica-se a uma revisão bibliográfica em torno da identidade na escrita acadêmica, sobretudo no que toca à sua relação com o discurso de outrem, que marca essa natureza de texto. A citação, portanto, é tratada em sua dimensão dialógica e, ao mesmo tempo, estética, opondo-se a uma visada meramente prescritiva.

O segundo eixo do dossiê agrupa trabalhos de autores que tratam de dispositivos e recursos no ensino a distância e/ou presencial, tendo em vista o ensino/aprendizagem da escrita acadêmica em diferentes contextos. São eles: Maria Ignacia Dorronzoro, Maria Fabiana Luchetti, Maria Sílvia Cintra Martins, Cristina Becker Lopes Perna, Lucas Zambrano Rollsing, Rafael Padilha Ferreira, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, Karla Maria Marques Peixoto e Kariny Cristina Souza Raposo.

No texto intitulado *Dispositivos didáticos para la enseñanza-aprendizaje del lenguaje escrito en la universidad: algunos lineamientos para su elaboración*, Maria Ignacia Dorronzoro e Maria Fabiana Luchetti apresentam um conjunto de diretrizes teórico-metodológicas para o ensino/aprendizagem de conteúdos de disciplinas de carreira humanística. Tais diretrizes, inscritas na perspectiva sociocultural vygotskiana e desenvolvidas na Universidade Nacional de Luján (Argentina), colocam em destaque a relação do conteúdo disciplinar e as formas de discurso por meio das quais o raciocínio de cada campo de conhecimento se realiza.

Maria Sílvia Cintra Martins, no artigo denominado *Letramento acadêmico e oralidade: repensando termos à luz da presença indígena nas universidades*

brasileiras, aproxima as discussões sobre o letramento acadêmico da realidade contemporânea brasileira, no que toca à presença indígena nas universidades, em pesquisa que se baseia em procedimentos e estratégias semelhantes às adotadas por Lea e Street (2006) no modelo dos Letramentos Acadêmicos. Com base nos resultados da pesquisa, a autora defende o modelo dos Letramentos Acadêmicos como adequado para o sucesso de sujeitos oriundos de grupos minoritários no acesso ao letramento hegemônico.

Cristina Becker Lopes Perna, Lucas Zambrano Rollsing e Rafael Padilha Ferreira, no artigo *O intervalo Escola-Universidade: mais do que uma questão genérica*, se ocupam da lacuna presente no ensino/aprendizagem de gêneros acadêmicos, também decorrente de experiências pouco produtivas, na educação básica, com os textos ligados às práticas acadêmicas. Os autores propugnam a metodologia de ensino de português para fins acadêmicos (nos moldes das experiências de *English for Academic Purposes*), considerada sua possibilidade de oferecer ao estudante experiências significativas para sua formação e futura ação profissional.

A escrita no ensino superior e os efeitos do desenvolvimento profissional na formação do professor de língua materna é o título do artigo de Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin e Karla Maria Marques Peixoto, no qual as autoras refletem sobre a escrita dos estagiários de Letras dentro e fora da sala de aula, razão pela qual tomam o relatório de estágio docente como *corpus* relevante nesse universo social e profissional. Os dados analisados demonstram que o relatório de estágio é um instrumento importante de análise do trabalho do estagiário, uma vez que permite revelar distintas dimensões dessa etapa de formação.

Kariny Cristina Souza Raposo, no texto *Práticas e eventos de letramentos no contexto de uma disciplina na modalidade semipresencial*, ocupa-se da descrição e análise de práticas e eventos de letramento em uma disciplina ofertada na modalidade semipresencial em cursos de graduação em Direito, Administração e Engenharia Civil em um Centro Universitário do interior de Minas Gerais (Brasil). A disciplina, denominada *Leitura e Produção de Textos*, recorre ao gênero fórum como um de seus expedientes de ensino/aprendizagem. Kariny Raposo, em sua análise, examina o papel do fórum no processo de inserção dos estudantes nas práticas discursivas acadêmicas.

Didier Colin, Catherine Dolignier, Estela Raquel Klett, Márcia Sipavicius Seide, Lucía Antonia Natale, Hermano Aroldo Gois Oliveira e Denise Lino de

Araújo compõem o terceiro e último eixo de trabalhos do dossiê, em torno das representações sobre práticas de leitura e de escrita no ensino superior.

Partindo de trabalhos construídos no campo da didática da escrita, que relacionam as dificuldades dos estudantes às representações que estes fazem do objeto de aprendizagem, Didier Colin e Catherine Dolignier, em artigo intitulado *L'auctorisation d'étudiants de lettres dans l'écriture d'un mémoire de master enseignement*, interrogam-se sobre a relação entre a concepção de autoria por parte de estudantes na França, cursando o mestrado voltado para a formação de professores da área de Letras para o ensino secundário, e a superação de dificuldades para a escrita da dissertação de mestrado (*mémoire de master*), no que toca à construção da posição de autor no gênero em questão.

Estela Raquel Klett, em artigo intitulado *L'écrit universitaire en français langue étrangère: les savoirs mis en jeu*, busca refletir sobre o processo de aprendizagem do francês como língua estrangeira por parte de estudantes falantes de espanhol na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (Argentina). Com base em premissas do Interacionismo Social, são analisadas as representações dos estudantes sobre a leitura e a escrita na universidade, tendo em vista os gêneros do discurso que aí circulam, os conhecimentos linguísticos e os saberes de ordem sociocultural.

Um estudo contrastivo acerca das concepções de escrita e letramento acadêmico construídas e reproduzidas nos comentários escritos de dois professores universitários é apresentado por Márcia Sipavicius Seide e Lucía Antonia Natale, no artigo *Concepciones de la escritura y de la alfabetización académica en devoluciones escritas de docentes universitarios: un estudio contrastivo*. A pesquisa, que toma como *corpus* os discursos de um docente do Brasil e outro da Argentina, mostra algumas diferenças significativas nas concepções de escrita e de letramento acadêmico por parte desses dois sujeitos, o que indica a relevância de serem incluídos os aspectos culturais na discussão sobre o ensino.

Guiados pela intenção de investigar as representações sobre a escrita acadêmica entre estudantes universitários, Hermano Aroldo Gois Oliveira e Denise Lino de Araújo, no artigo *Representações sociais de escrita em curso de formação docente: objeto de ensino e objeto de inserção nas práticas letradas acadêmicas*, apresentam resultados de pesquisa desenvolvida com graduandos de Letras de três instituições de nível superior localizadas no estado da Paraíba (Brasil), a partir de uma abordagem multimetodológica, embasada em princípios da Teoria

das Representações Sociais. Os resultados oferecem contribuições importantes para o campo de estudos do letramento acadêmico, no que toca ao papel das representações nesse processo.

Na seção **Resenhas**, Fabiano Henrique Rocha discorre sobre o livro *O internetês na escola*, das autoras Fabiana Komesu e Luciani Tenani, obra que se divide em sete capítulos e busca, para além de definir o internetês, apresentar possibilidades de seu uso na educação básica. Fabiano Henrique Rocha ressalta o caráter didático do livro e sua relevância para o contexto educacional.

Fechando essa seção, Sibely Oliveira Silva e Érika Dourado Amorelli discorrem sobre o livro *Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita*, organizado por Fanny Rinck, Françoise Boch e Juliana Alves Assis. Segundo as resenhistas, a obra, organizada em dezesseis capítulos, aporta relevante contribuição tanto para o debate sobre a temática do letramento acadêmico, quanto para as práticas e ações de formação no ensino superior.

Por fim, na seção **Entrevistas**, Maria Angela Paulino Teixeira Lopes apresenta o registro de entrevista com a professora francesa Fanny Rinck acerca do papel da escrita no processo de formação de professores na França, trazendo à tona especificidades e dificuldades desse percurso. As questões propostas para a entrevista e o diálogo travado com elas por Fanny Rinck permitem ao leitor um conjunto de conhecimentos e reflexões sobre a escrita acadêmica e as práticas profissionais.

Em suma, esta edição temática da revista *Scripta – Escrita no Ensino Superior: ensino e pesquisa* – pretende, com os trabalhos que abriga, tanto fortalecer perspectivas de estudo que possam trazer impactos sobre dispositivos didáticos e práticas pedagógicas adotados na formação universitária, quanto contribuir para ampliar as possibilidades de recortes e articulações teórico-metodológicos no estudo da escrita acadêmica.

Referências

BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local Literacies**. London: Routledge, 1998.

BAYNHAM, Mike. **Literacy Practices: Investigating Literacy in Social Contexts**. London: Longman, 1995.

BOCH, Françoise. Former les doctorants à l'écriture de la thèse en exploitant les études descriptives de l'écrit scientifique. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 543-568, May 2014. ISSN 1982-4017. Available at: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2158/1554>. Accessed on: Nov. 21, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Language and Symbolic Power**. Translated by G. Raymond and M. Adamson. Cambridge, Mass.: Polity Press, 1991.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **O modo heterogêneo da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. especial, p. 333-356, 2011.

DELCAMBRE, Isabelle; LAHANIER-REUTER, Dominique. Discurso de outrem e letramentos universitários. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (Org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 225-250 (Série Ideias Sobre Linguagem).

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: the critical study of language**. London: Longman, 1995.

FIAD, Raquel Salek. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 463-480, May 2014. ISSN 1982-4017. Available at: <>. Accessed on: Feb. 30, 2016.

GROSSMANN, Francis. Por que e como as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (Org.). **Letramento e formação universitária: formar para**

a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 97-128 (Série Ideias Sobre Linguagem).

HENDERSON, Robin; HIRST, Elizabeth. Reframing academic literacy: Re-examining a short course for “disadvantaged” tertiary students. **English teaching: practice and critique**, v. 6, n. 2, p. 25-38, 2006.

HYLAND, Ken. **Disciplinary identities**: Individuality and community in academic discourse. New York; Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

KRESS, Gunther. **Before writing**: rethinking the paths to literacy. London: Routledge, 1997.

KRESS, Gunther. Thinking about meaning and learning in a world of instability and multiplicity. **Pedagogy. An international journal**, v. 1, p. 19-34, 2007.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **Laboratory life**: the construction of scientific facts. 2nd ed. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1986.

LEA, Mary. R.; STREET, Brian V. The “Academic Literacies” model: theory and applications. **Theory into practice**, v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.

LILLIS, Theresa; SCOTT, Mary. Defining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy. **Journal of Applied Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 5-32, 2007. Disponível em: 10.1558/japl.v4i1.5, Equinox online.

MALINOWSKI, Bronislaw. O problema do significado em linguagens primitivas. In: OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (Ed.). **O significado de significado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 295-330. Original publicado em 1923.

REUTER, Yves. Analyser les problèmes de l’écriture de recherche en formation. **Pratiques**, n. 121-122, p. 9-27, 2004.

STREET, Brian V. **Literacy in Theory and Practice**. London: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. The implications of the new literacy studies for education. In: GOODMAN, S.; LILLIS, T.; MAYBIN, J.; MERCER, N. (Ed.). **Language, literacy and education**: a reader. Stoke on Trent: Trentham Books, 2003.